

APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS DO GALEGO E DO PORTUGUÊS NO DEBATE NA GALIZA: UMA QUESTÃO LINGUÍSTICO-IDEOLÓGICA

VICTOR HUGO DA SILVA VASCONCELLOS*

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 14 abr. 2024. Aprovado em: 5 maio 2024.

Como citar este artigo: VASCONCELLOS, V. H. da S. Aproximações e afastamentos do galego e do português no debate na Galiza: uma questão linguístico-ideológica. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 24, n. 2, p. 65-81, maio/ago. 2024. DOI: 10.5935/cadernosletras.v24n2p65-81

Resumo

O *corpus* da pesquisa foi composto por trechos do jornal galego *Nós Diário* e do jornal *Folha de S.Paulo*. O problema é desvelar qual é o impacto das formações ideológicas em relação à posição que a língua galega deve ocupar: autônoma ou integrada ao português. Os objetivos da pesquisa são: 1. problematizar a situação atual da língua galega; 2. teorizar as formações ideológicas; 3. analisar o *corpus* a fim de revelar a influência ideológica na posição linguística do galego. As categorias discursivas para essa discussão foram: formações ideológicas (Pêcheux; Fuchs, 1997) e formações discursivas (Foucault, 2012). Os resultados apontaram que há argumentos plausíveis para os dois lados dessa disputa ideológica.

* E-mail: victorvasconcellos@uol.com.br
 <https://orcid.org/0000-0002-0893-8955>

Palavras-chave

Análise do discurso. Formações ideológicas. Língua galega.

INTRODUÇÃO

Sobre a língua galega, há, na Galiza, a disputa que se iniciou no momento histórico da construção da sua norma, ainda nos anos 1970, quanto ao paradigma linguístico que seria utilizado para o idioma. De um lado, os reintegracionistas buscavam a aproximação com a língua portuguesa, espelhando-se na sua gramática e na sua ortografia; de outro, os autonomistas, que buscavam sistematizar o galego como uma língua neolatina única, utilizando a ortografia já conhecida – a castelhana.

A concepção reintegracionista argumenta que o galego, além de ser a origem de toda galegofonia – nas palavras de Freixeiro Mato (2023) – ou lusofonia, termo mais comum, é ainda hoje a mesma língua que o português, sob um nome diferente. Destarte, o galego e o português seriam variedades de uma mesma língua e deveriam ter a mesma gramática e ortografia. Um de seus argumentos versa sobre os intérpretes no Parlamento Europeu e na Organização das Nações Unidas (ONU), que são os mesmos para galegos e portugueses. Isso se deve à alta inteligibilidade entre as duas variedades. Além disso, em outro argumento, aceitar o galego como língua oficial na ONU ou no Parlamento Europeu é reconhecer que se trata de uma língua diferente do português, dando razão aos autonomistas no debate ideológico da Galiza.

Por sua vez, os autonomistas buscam o reconhecimento da língua galega como parte da identidade da Galiza. Nesse pensamento, o galego não é castelhano, como também não é português. É uma língua que compartilha o passado histórico com a língua portuguesa, na Idade Média, ainda sendo consideradas línguas irmãs por conservarem muitas semelhanças até hoje (século XXI). Apesar desse passado compartilhado, as línguas tiveram suas evoluções de maneiras distintas.

Com efeito, os dois posicionamentos seguem em conflito no ano de 2024. A Galiza, embora tenha chancelado uma norma (da Real Academia Galega – RAG) com ortografia castelhana, outra norma também se coloca como possibilidade (da Associação Galega da Língua – Agal) em que se aproxima da

norma portuguesa, a chamada “norma reintegrada” (ou Agal), utilizando a ortografia do português (ç, lh, nh). Nesse cenário, o problema de pesquisa está norteado pela seguinte pergunta:

- Qual é o impacto das formações ideológicas em relação à posição que a língua galega deve ocupar: autônoma ou integrada ao português?

A justificativa para este estudo é investigar, por meio de uma análise comparativa das línguas, se o autonomismo ou a reintegração da língua galega apresenta uma intrínseca questão ideológica que transcenda a linguística.

Os objetivos da pesquisa dividem-se em:

- *Geral*: desvelar qual é o impacto das formações ideológicas em relação à posição que a língua galega deve ocupar: autônoma ou integrada ao português.
- *Específicos*:
 1. problematizar a situação da língua galega em 2024;
 2. apresentar a teoria das formações ideológicas;
 3. analisar o *corpus* a fim de revelar a influência ideológica na posição linguística do galego.

O método desta investigação é de caráter interpretativista, em que há a revisão de literatura e discussão da ideologia sobre o *corpus* selecionado. As categorias discursivas para essa discussão são: formações ideológicas (Pêcheux; Fuchs, 1997) e formações discursivas (Foucault, 2012). Trata-se, portanto, de demonstrar as semelhanças e diferenças do galego e do português a fim de que, linguisticamente, seja estabelecido um parâmetro de amostra, possibilitando a relação com a questão ideológica. Não é com este estudo que a questão sobre o galego e o português serem a mesma língua será respondida, pelo contrário, a proposta é trazer à baila quanto que a questão ideológica atravessa essa disputa que, há mais de 40 anos, persiste.

IDEOLOGIA

A ideologia, neste artigo, partirá das ideias de Michel Pêcheux, idealizador da análise do discurso (que hoje é chamada de materialista – ou francesa).

Duas categorias desse método de análise devem ser ressaltadas: formações discursivas e formações ideológicas. O sentido de um discurso não está nos enunciadores (e coenunciadores), mas nas formações discursivas que constituem o discurso, sendo interpretado pelas formações ideológicas. O sujeito é o meio pelo qual o discurso (e suas ideias) transita.

A enunciação ocorre com a reprodução de ideias em condições de produção específicas que o próprio indivíduo, ao enunciar, não percebe, pois está sendo atravessado pela ideologia, ou, nas palavras de Pêcheux e Fuchs (1997, p. 167): “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos”. Portanto, um indivíduo só se transforma num sujeito quando enuncia, materializando a ideologia no discurso.

Não há sujeito enunciador sem a interpelação ideológica, e, assim, as diferentes representações da realidade são reflexos das diferentes ideologias. Dito de outro modo, “uma ideologia tem um ‘exterior’, mas este exterior é de outras ideologias” (Henry, 1997, p. 33). A partir dessa concepção, chega-se ao conceito de formações ideológicas:

[...] cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras (Pêcheux; Fuchs, 1997, p. 166).

Esses posicionamentos surgem de acordo com a realidade que espelha suas relações materiais, e, por isso, os autores trazem a luta de classes como um fator relevante na observação sociodiscursiva, já que cada estrato social possui diferentes concepções do mundo a partir de seus privilégios ou de suas misérrimas. Cada formação ideológica é construída pelas formações discursivas, ou seja, é atravessada por componentes que determinam a relação do discurso com a realidade interpretada por ela. Logo:

[...] se deve conceber o discursivo como um dos aspectos materiais do que chamamos de materialidade ideológica. Dito de outro modo, a espécie discursiva pertence [...] ao gênero ideológico, o que é o mesmo que dizer que as formações ideológicas de que acabamos de falar “comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura”, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes (Pêcheux; Fuchs, 1997, p. 166-167).

As formações discursivas, herdadas de Foucault (2012), são os componentes de uma formação ideológica, são suas coerções, isto é, apresentam as regularidades e possibilidades do dizer na conjuntura estabelecida. São elas que estruturam o posicionamento ideológico por meio dessas possibilidades de materialização discursiva e a repulsa do que não a caracteriza. Essas regularidades estão no interior de uma formação ideológica, gerando o assujeitamento num processo em que o sujeito teria à disposição apenas as formações discursivas às quais seria submetido.

Pêcheux (1990, p. 56) percebeu que a submissão direta e homogênea a essas formações discursivas, na enunciação corriqueira, não aconteceria. Não é possível determinar, com precisão, a gênese do discurso analisado. O argumento de autoridade vem do próprio autor (Pêcheux *et al.*, 1997, p. 277): “as questões formuladas pelo analista sobre seu *corpus* e as interpretações são por definição não calculáveis”. Assim, a ideologia condiciona os indivíduos para torná-los sujeitos, por meio da materialização discursiva, entretanto as possibilidades para essa análise são diversas, o que justifica que surjam análises diferentes para o mesmo material discursivo.

Partindo desses pressupostos, as visões reintegracionista e autonomista são duas formações ideológicas que se opõem na sociedade galega. São posições antagônicas que apresentam a língua da Galiza por meio de suas formações discursivas. Destarte, desenvolvem seus argumentos de modos diferentes para chegarem a distintas conclusões sobre a situação da língua galega.

Na seção acerca da história da língua galega, a RAG,¹ em sua página na internet, apresenta:

No século XII, a parte sul do Reino da Galiza tornou-se independente e deu origem ao Reino de Portugal, enquanto a Galiza foi anexada pelo Reino de Castela. A falta de comunicação entre o sul e o norte provocou a diferenciação entre as variedades linguísticas de um e de outro território, dando origem a línguas diferentes: o português, no sul, e o galego, no norte (tradução nossa).²

A posição, portanto, da RAG é de que o galego é uma língua autônoma. Rosário Álvarez e outros membros da RAG (Álvarez *et al.*, 2005, p. 68,

1 Disponível em: <https://academia.gal/lingua/idioma>. Acesso em: 1º jan. 2023.

2 “No século XII, a parte sur do Reino de Galicia independizouse e deu lugar ao Reino de Portugal, mentres Galicia foi anexionada polo reino de Castela. A incomunicación entre o sur e o norte provocou que as variedades lingüísticas dun e outro territorio se fosen diferenciando, dando lugar a línguas diferentes: o portugués no sur e o galego no norte”.

tradução nossa) apresentaram sua posição em relação à gramática galega por eles validada: “é uma gramática que parte do galego como língua independente, baseada na nossa própria investigação e no profundo conhecimento daquela realizada por outros investigadores, especialmente intenso nas últimas décadas”.³

A proposta da RAG é conceber o galego com a força de uma língua e cultura próprias, recriando a identidade da Galiza, que ficou à sombra da Espanha por séculos. Os materiais linguísticos para a concepção dessa norma são as manifestações contemporâneas do galego, isto é, o falar atual na Galiza. Apesar dos esforços para recuperar o orgulho galego, a questão da língua ainda gera discordâncias. E, dessa forma, todos querem o galego; a questão é estabelecer de qual (ou de quais) galego está a se falar a fim de que a sociedade da Galiza se reconheça.

Enquanto a RAG (e a política galega) estabelece que o galego é uma língua autônoma, “a concepção reintegracionista, muito pelo contrário, concebe o galego e o português como variedades íntima e profundamente relacionadas e, portanto, pertencentes ao mesmo sistema linguístico (Fernández, 2007, p. 140).

O passado comum das duas línguas conservou-se nas estruturas sintáticas mesmo com a perceptível influência castelhana no galego contemporâneo. O retorno ao passado comum tem por finalidade a preservação da língua da Galiza e também transformar essa mesma língua num meio de comunicação internacional (o português).

Logo, o que está em jogo nessa relação é a imagem criada para os galegos, gerando ora a recusa pela própria língua já castelhanizada e a busca pela norma mais aceitável – a língua portuguesa –, ora a busca da construção da sua nação por meio de sua língua autônoma que chega ao século XXI resistindo aos assédios do castelhano.

A determinação de uma língua de Estado é uma decisão política que pode ou não seguir os estudos filológicos. Há muitos exemplos no mundo em que isso ocorre, considerando as proximidades e a inteligibilidade assimétrica entre elas. As línguas nórdicas (norueguês, sueco e dinamarquês) poderiam ser a mesma, embora tenham ascendido suas variantes a línguas locais. Na Moldávia e na Romênia, as línguas recebem o mesmo nome – o romeno. Outros exemplos de línguas que são separadas, mas poderiam ter o mesmo nome e

3 “é unha gramática que parte do galego como lingua independente, baseada na nosa propia investigación e no coñecemento profundo da realizada por outros investigadores, especialmente intensa nas últimas décadas”.

norma (de acordo com o princípio da inteligibilidade mútua), respeitando as variações inerentes a cada uma delas: africâner e neerlandês; alemão e luxemburguês; asturo-leonês e castelhano; galego e português; catalão e occitano; eslovaco e tcheco; francês e provençal; inglês e escocês.

DISCUSSÃO

Como ponto de partida, filologicamente, galego (RAG, com a ortografia castelhana) e português apresentam a mesma estrutura linguística quando se observa a sintaxe das suas gramáticas. A questão ortográfica não afasta um falante de português do reconhecimento da mensagem em língua galega escrita. Nos exemplos a seguir, demonstra-se como essa escolha ortográfica da RAG é o menor dos problemas na reivindicação reintegracionista pela preservação da língua, pois, ao mesmo tempo, não é um empecilho à leitura. A norma RAG revela a situação fonética dos falantes da Galiza.

Iniciando pelas questões sintáticas, não há dúvidas sobre sua unidade sistêmica com o português. Apresentarei exemplos de dois jornais, *Folha de S.Paulo* (Brasil) e *Nós Diário* (Galiza), para demonstrar como as estruturas são praticamente idênticas. E as poucas diferenças não são maiores do que as que existem entre Brasil e Portugal, por exemplo.

1. “Embraer vende avião militar KC-390 para mais um país da Otan” (Gielow, 2023).

Em sua escrita na norma RAG, essa mesma frase teria a seguinte apresentação: “*Embraer vende avión militar KC-390 a mais un país da Otan*”.

Pode-se perceber que, exceto a ortografia, há apenas uma diferença que não altera o sentido, a preferência pela preposição “a” em vez da preposição “para” (no Brasil, tanto “para” e “a” são usadas como equivalentes).

2. “Estamos prontos para fornecer à República Tcheca a mais avançada aeronave de transporte tático disponível no mercado” (Gielow, 2023).

Em sua escrita na norma RAG, essa mesma frase teria a seguinte apresentação: “*Estamos prontos para fornecer á República Checa a mais avanzada aeronave de transporte táctico dispoñíbel no mercado*”.

Novamente, a mesma sintaxe é aplicada nos dois casos, e as diferenças ortográficas não dificultam o entendimento. A norma RAG não tem o acento grave para indicar a crase; logo, usa-se o acento agudo. E o nome do país *República Checa* é escrito sem a letra “T”, pois a pronúncia galega para “CH” é africada alveolopalatal surda / tʃ /, enquanto no Brasil o “CH” é fricativa alveolopalatal surda / ʃ /, sendo recomendado, na grafia brasileira, acrescentar o “T”, “Tcheca”.

3) *O que máis nos preocupa a nós é que non se coñece moi ben a composición dos pellets. O que sabemos certo é que teñen distinta composición. Algúns sacos teñen plásticos, outros teñen plásticos con aditivos e outros teñen aditivos. A composición dos plásticos sabemos a que é pero a dos aditivos poden ser tóxicos ou non e a nosa preocupación é que sexan tóxicos* (Ferreiro, 2024).

Nesse terceiro exemplo, apresenta-se um trecho do jornal galego *Nós Diário*. Na norma brasileira, essa mesma frase teria a seguinte apresentação:

O que mais nos preocupa é que não se conhece muito bem a composição dos pellets. O que sabemos com certeza é que têm distinta composição. Alguns sacos têm plásticos, outros têm plástico com aditivos e outros têm aditivos. A composição do plástico sabemos qual é, mas a dos aditivos podem ser tóxicos ou não, e a nossa preocupação é que sejam tóxicos.

Mesmo partindo do jornal galego, a compreensão do que se lê é fluida para qualquer leitor falante de português. A grande questão, mesmo com a norma RAG, é que o galego ainda conserva suas propriedades no sistema linguístico galego-português. Se surgem textos muito mais próximos do castelhano e com vocabulário altamente hispânico, é por conta do baixo domínio linguístico galego do autor. Logo, discutir somente a norma RAG no momento em que o galego está a desaparecer é um desserviço à causa galega, já que, dentro da norma oficial, há opções voltadas ao português como *danza* (em vez de baile); *coello* (em vez de *coenllo* ou *conexo*); *cadeira* (em vez de *silla*); *cadril* (em vez de cadeira); *escada* (em vez de *escala* ou *escalera*); *mais, porén, no entanto, non obstante* (em vez de *pero* e *sin embargo*); *pronto* (em vez de *listo*) etc.

Seguindo na questão ortográfica, surgem algumas diferenças importantes de serem pontuadas. Para as palavras “criança” e *crianza*,⁴ a diferença é apenas na troca da letra que representa o fonema fricativo alveolar surdo /s/, do mesmo modo que em: *esperança* – *esperanza*; *confiança* – *confianza*; *dança* – *danza*;

4 *Crianza*, em galego, tem o sentido de “criação” ou “educação”. No sentido que se tem no Brasil, em galego seria *cativo* ou *nenó* – *nená*.

crença – *crenza*; vingança – *vinganza*; dançarina – *danzarina*. Essa diferença não interfere no sistema linguístico, é apenas uma opção política de escrita. Tanto brasileiros como galegos não teriam problemas de reconhecer essas palavras.

Apesar de esses exemplos lexicais não causarem problemas de reconhecimento, no sistema fonético, o galego não tem o fonema fricativo alveolar sonoro /z/, apenas o surdo /s/, como no castelhano. O que poderia causar relativa confusão, já que é um traço distintivo do português. Desse modo, o galego não faz a diferenciação entre casar e caçar; casa e caça; casado e caçado; ouso e ouço; saga e zaga; selar e zelar; selo e zelo; selador e zelador; assar e azar; razão e razão; peço (verbo) e peso (verbo); açougue e azougue; aço e azo; faces (rostos) e fazes (verbo); doce e doze, aceitar e azeitar etc.

Já em exemplos como “janela” e *xanela*, há a troca da /ʒ/ fricativa alveolopalatal sonora pela /ʃ/ fricativa alveolopalatal surda, coincidindo novamente com a fonética galega como em: já – *xa*; janeiro – *xaneiro*; Bélgica – *Bélxica*; japonês – *xaponés*. Nesses exemplos, há de fato uma alteração fonética, o que pode causar algumas pequenas confusões, pois /ʒ/ e /ʃ/ são traços distintivos em português, e o galego já não tem mais o fonema /ʒ/, não conseguindo distinguir palavras como: chá e já; chato e jato; chuchu e Juju (apelido); puxar e pujar; xixi e Gigi (apelido); xingar e gingar etc.

No caso do dígrafo “lh” em português, adotou-se a escrita com “ll”, em galego, convergindo com a usada em castelhano. O som no galego original deve ser o mesmo do português, isto é, /ʎ/ lateral palatal sonora, como em: coelho – *coello*; mulher – *muller*; colher (verbo) – *coller*; olhar – *ollar*; malha (peça de roupa) – *malla*; ilha – *illa*; molhar – *mollar*; palheta – *palleta*. O curioso é que, por causa da influência do castelhano como língua dominante e imposta na Galiza, esse som muitas vezes é alterado para a africada alveolopalatal sonora /dʒ/ (como o som que é pronunciado em *calle*, *yo* e *ya*, na pronúncia em castelhano). É muito mais comum ouvir dos galegos o som /dʒ/ do que o recomendado /ʎ/ para o galego-português. Apesar da diferença fonética, a ortografia não dificulta o reconhecimento das palavras.

Esses são alguns exemplos em que as diferenças ortográficas ocorrem apenas por uma opção adotada pela região anexada ao Reino da Espanha e que podem remeter ao sistema fonético galego, por conta da evolução linguística distante dos outros países galegófonos. Na leitura, não oferece problemas de compreensão, enquanto na oralidade o galego conta com um número mais reduzido de fonemas, o que poderia impactar um mesmo sistema lexical

galego-português, forçando o galego a buscar outros vocábulos de acordo com seu sistema fonético e histórico.

No texto de Fernando Venâncio (2021), há diversos exemplos comparativos entre o galego, o português e o castelhano. Essas comparações são relevantes, porque, com Portugal independente e com a Galiza como parte de Castela, o português teve sua evolução na direção oposta à sua origem do norte. De acordo com Venâncio (2021, p. 247, tradução nossa):

A política linguística do galego reinante hoje é também a de um afastamento do português, dando preferência a marcas definidoras de uma língua *galega*. Isso, apesar de todas as declarações de um papel central do português como fornecedor de sugestões lexicais. Só que, ao fazê-lo, as altas esferas linguísticas do galego estão simplesmente a repetir aquilo que, em Portugal meridional do século XV, ao definirem uma “língua portuguesa”, procurou-se conseguir afastar o máximo possível da variedade do norte.⁵

Essa inclinação de afastamento gerou alterações naquilo que era uma mesma língua em todos os sentidos. E o castelhano entrou também como um modelo para a normatização do português estandar, principalmente após 1400. Dessa forma, além das muitas semelhanças entre as duas variedades, é justo também que sejam mostradas as muitas semelhanças entre o galego-português com o castelhano (que é unanimidade tratar-se de uma língua estrangeira).

Quadro 1 – Semelhanças entre galego, português e espanhol

Galego	Português	Espanhol	Galego	Português	Espanhol
<i>candea</i>	candeia	<i>candela</i>	<i>centeo</i>	centeio	<i>centeno</i>
<i>tea</i>	teia	<i>tela</i>	<i>freo</i>	freio	<i>freno</i>
<i>area</i>	areia	<i>arena</i>	<i>estrea</i>	estreia	<i>estrena</i>
<i>avea</i>	aveia	<i>avena</i>	<i>vea</i>	veia	<i>vena</i>
<i>baela</i>	baleia	<i>ballena</i>	<i>alleo</i>	alheio	<i>ajeno</i>
<i>cadea</i>	cadeia	<i>cadena</i>	<i>cheo</i>	cheio	<i>lleno</i>
<i>cea</i>	ceia	<i>cena</i>			

Fonte: Elaborado pelo autor com informações disponíveis em Venâncio (2021, p. 129).

5 “A política linguística do galego hoxe reinante é, tamén, a de un afastamento do portugués, dando preferéncia a marcas definidoras dunha lingua galega. Isto, a pesar de todas as declaracións dun papel central para o portugués como fornecedor de suxestións léxicas. Só que, ao facelo, as altas esferas linguísticas do galego están simplemente a repetir aquilo que, no Portugal meridional do século XV, ao definirse unha “língua portuguesa”, se procurou conseguir: afastar o máximo posíbel da variedade ao norte”.

Essa lista de palavras apresenta as semelhanças entre as três línguas oficiais. Essa proximidade é tamanha que se pode estimar que haja entre 80% e 90% de similaridade lexical entre elas, o que não necessariamente signifique fácil intercompreensão. Basta acompanhar estudos brasileiros sobre o Brasil ter uma língua independente da variedade portuguesa, por conta de algumas diferenças sintáticas na fala do povo, além da cultura bem distinta, distanciando o modo de tratar a língua. O próximo quadro apresenta algumas expressões típicas do galego popular em contraste com expressões do português-padrão, mas que algumas delas aparecem nos registros da RAG (como *adeus, beixo, talvez, presente, fácil etc.*), sendo utilizado, em geral, por galegos com maior escolaridade.

Quadro 2 – Diferenças entre galego e português

Galego	Português	Galego	Português	Galego	Português
<i>abofé</i>	decerto	<i>decontado</i>	imediatamente	<i>agasallo</i>	presente
<i>abur</i>	adeus	<i>retranca</i>	ironia	<i>pataca</i>	batata
<i>acotío</i>	todos os dias	<i>deica</i>	daqui a	<i>mancar</i>	magoar
<i>adoito</i>	frequentemente	<i>denantes</i>	antes	<i>labrego</i>	camponês
<i>agás</i>	exceto	<i>disque</i>	segundo se diz	<i>fraga</i>	bosque
<i>almorzo</i>	café da manhã	<i>malia</i>	apesar de	<i>desbotar</i>	ignorar
<i>arreo</i>	seguido	<i>cativo</i>	criança	<i>cea</i>	jantar
<i>bico</i>	beijo	<i>paseniño</i>	aos poucos	<i>arranxar</i>	criar
<i>axiña</i>	rapidamente	<i>seica</i>	talvez	<i>abondo</i>	suficiente
<i>canda</i>	aquando de	<i>velai</i>	eis	<i>morriña</i>	saudade
<i>xantar</i>	almoço	<i>doado</i>	fácil	<i>xogar</i>	brincar

Fonte: Elaborado pelo autor com informações disponíveis em Venâncio (2021, p. 219-221).

A discussão sobre a organização sintática, a ortografia e os quadros comparativos entre galego e português são elementos que nos permitem pensar a língua sob ângulos distintos. Decerto que foram apresentados elementos com o caráter de amostra a fim de suscitar questionamentos acerca do material linguístico e também sobre a ideologia. Os reintegracionistas afirmariam que linguisticamente estamos falando de uma mesma língua que apresenta variedades

regionais (ou diatópicas). Cada país galegófono teria a sua própria maneira de falar seu galego. Além de que a organização sintática, de fato, apresenta poucas variações (considerando o aspecto formal da língua).

Já quanto ao galego falado pelas ruas, tanto Venâncio (2021) quanto Freixeiro Mato (2023) apontam que a situação atual do galego é uma língua bastante influenciada pela língua de poder – o castelhano –, o que orienta também a organização das ideias, em galego. A ortografia RAG afasta-se da ortografia portuguesa, levando o galego a escrever com as letras espanholas; entretanto, o galego contemporâneo não tem todos os fonemas do português. Adotar a ortografia do sul dificultaria a vida da maior parte da sua população.

Se, na questão gramatical, há divergências e possibilidades de norma tanto reintegrada como autônoma, pode-se pensar pelo âmbito social. O galego é uma língua que vem perdendo falantes e corre sérios riscos de desaparecer. Nos anos 1980, o debate sobre a norma do galego foi importante. Se tivesse vencido a norma reintegrada, estaria o galego conectado com as suas outras variedades pelo mundo também por meio da escrita. Isso não ocorreu. A norma portuguesa foi preterida pela norma castelhana (que muitos já a usavam, pois o galego não tinha uma norma e nem era ensinado nas escolas). A ação tomada pela *Xunta de Galicia* facilitou a sua escrita imediata por toda a Galiza.

Dito isso, qual é o lugar ao qual a língua galega deve pertencer? A maior parte dos reintegracionistas são contrários à oficialização do galego na União Europeia, pois a divisão dessa unidade linguística enfraqueceria o galego falado na Galiza. Uma coisa é a teoria, outra coisa é a prática. Na prática, em terras galegas, não há contato com produtos dos outros países galegófonos, e o português, de fato, é visto como uma língua estrangeira. O meio acadêmico sabe dessa “unidade linguística”, o povo, não.

Se o povo não reconhece o português como sua língua, o argumento de que o galego e o português são a mesma língua cai por terra quando é apresentado aos verdadeiros falantes do galego; eis aqui a questão ideológica. O galego oficialmente é uma língua ilhada, ou seja, uma língua apenas falada nas quatro províncias galegas e que teve algum parentesco com a língua portuguesa, que hoje é estruturada pelas ações de afastamento do norte, adesão de léxico moçárabe e castelhanismos entre os séculos XV e XVIII, que foram incorporados de acordo com sua ortografia. Os portugueses foram galegos que conquistaram a porção sudoeste da Península Ibérica e batizaram essa porção de terra com o nome de Portugal. E claro, utilizando a língua do norte, o galego.

Os argumentos linguísticos ora inclinam-se à proposta reintegrada, ora à proposta autônoma. Fato é que as línguas evoluem e se transformam com o passar dos séculos. E talvez o movimento que defenda essa unidade não se tenha dado conta de que o momento histórico dessa unidade já tenha ficado para trás. Por sua vez, os autonomistas insistem em categorizar o galego como autônomo por se apoiarem apenas nas diferenças lexicais e culturais das variedades. Um ponto relevante nessa discussão surge em Venâncio (2021), em que os reintegracionistas consideram o português como uma norma-padrão e estabilizada para sua língua, o galego, e para todos os países de língua portuguesa, o que não é necessariamente verdade. As normas podem ser muito próximas, entretanto as línguas faladas nesses países podem ser diferentes. Marcos Bagno e Orlene Lúcia de Saboia Carvalho (2015) apresentam argumentos para a emancipação da língua brasileira em seus estudos.

Logo, voltam as questões ideológicas. Reintegracionistas nutrem um sentimento pela época de esplendor da cultura e língua galegas, quando ainda Portugal fazia parte do mesmo reino. Muitos são favoráveis à reunificação. Olham para o português como a língua que o galego poderia ter sido e não foi. Muitos até negam a sua própria variedade, passando a falar o português-padrão, como uma forma apresentável de sua língua. Conforme Venâncio (2021, p. 268, tradução nossa) conclui sobre os reintegracionistas:

Dava-se uma adesão eufórica a um idioma *virginal* que, na pré-percepção dos meus interlocutores, significava “sem uma mácula de espanhol”, ao contrário do sempre censurado galego autônomico. Por mais que lhes contasse a verdadeira história do português, a de uma intensa castelhanização entre 1450 e 1730, por mais que lhes lembrasse que centenas de castelhanismos hoje correntes no português foram retirados do Dicionário da Real Academia Galega, e que, portanto, se abraçassem o português, seria passar de uma castilhanização a outra, nada conseguia afastá-los daquela adoração pelo idioma ao sul do Minho.⁶

6 “*Dábase a adhesión eufórica a un idioma virxinal que, na precepción dos meus interlocutores, significaba ‘sen mácula de español’, ao contrario do sempre censurado galego autonómico. Por máis que eu lles contase a verdadeira historia do portugués, a dunha intensa castelanización entre 1450 e 1730, por máis que lles lembrase que centos de castelanismos hoxe correntes en portugués foron eliminados do Dicionario da Real Academia Galega, e que polo tanto abrazaren o portugués sería caer dunha castelanización noutra, nada conseguía afastalos desa adoración polo idioma ao sur do Miño*”.

Os autonomistas buscam a autonomia galega, diferenciando-os da Espanha e também de Portugal. Sua norma foi embasada no galego popular e nas origens latinas, o que distancia seu léxico tanto do castelhano quanto do português. Desse modo, o que vem determinando esses posicionamentos é o fator ideológico, já que linguisticamente há bons argumentos para os dois lados.

CONCLUSÕES

A evolução foi diferente em cada variedade do galego pelo mundo – Angola, Brasil, Cabo Verde, Galiza, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Não foi só o galego da Galiza que evoluiu ou está evoluindo de forma diferente. Pode até chegar um momento em que essas variedades passem a ter outro nome diante do distanciamento que poderão ter umas das outras.

Assim como ocorre em outros lugares do mundo, a decisão de separar línguas muito próximas ou unir variedades bem diferentes pelo mundo (como o inglês) é uma decisão ideológica, já que os argumentos podem variar de acordo com as formações discursivas de quem observa e analisa. Em se tratando do inglês, língua franca e poderosa por conta da influência econômica dos Estados Unidos, todas as suas variedades são recebidas como um aspecto enriquecedor da língua. Nos cursos de inglês, há a informação sobre qual variedade é ensinada (norte-americana e inglesa, principalmente), além de se abordar a diversidade da língua pelo mundo (África do Sul, Austrália, Canadá, Escócia, Irlanda etc.). Há casos em que nativos de inglês (de regiões diferentes) não se entendem com facilidade, é necessário um esforço muito grande para compreender o interlocutor. E esses casos não abalam a unidade linguística do inglês, como a língua mais falada no mundo e que domina as *home pages* e os conteúdos da internet.

Acontece o mesmo com o castelhano e com o português. No caso castelhano, as variedades faladas na América diferem tanto no vocabulário como na pronúncia em relação ao padrão europeu. Até mesmo dentro da Espanha, os andaluzes têm uma pronúncia própria da língua castelhana, que gera discussões sobre essa variação ser castelhano ou já uma forma própria de se falar a língua. Espanhóis do norte (de várias comunidades autônomas) dizem que a variação do sul apresenta obstáculos à compreensão fluida. No caso do português,

para brasileiros, a variação de Lisboa não é de fluida compreensão. É necessário tempo para acostumar-se ao modo de expressão do centro-sul de Portugal, bem como dos Açores e da Madeira. Até mesmo os portugueses do norte sentem relativa dificuldade com os do sul e com os das ilhas. Dentro do Brasil, uma pessoa da capital de um estado do Sul teria muita dificuldade para entender uma pessoa do interior de um estado do Norte brasileiro.

Diante disso, o galego sofre duas questões complexas quanto ao seu posicionamento no globo. A visão autonomista ignora que, apesar das diferenças, há grandes traços de semelhanças com o português (como o léxico e a estrutura sintática). Isso é ignorado em busca de uma identidade própria da Galiza. Por sua vez, o reintegracionismo desconsidera as marcas intrínsecas regionais do galego, buscando substituir a ortografia RAG pela portuguesa. Por meio da amostra linguística, é possível perceber que há bons argumentos linguístico-ideológicos para reintegrar a língua (apesar da diferença fonética atual), bem como mantê-la separada, valorizando o galeguismo, a identidade galega.

Approaches and departures of Galician and Portuguese in the debate in Galicia: a linguistic-ideological question

Abstract

The corpus for this study was composed of excerpts from the Galician newspaper *Nós Diário* and from *Folha de S.Paulo*. The research problem is: to unveil the impact of ideological formations on the position that the Galician language should occupy: isolated or integrated into Portuguese. The objectives of the research were: 1. to problematize the current situation of the Galician language; 2. to theorize ideological formations; 3. to analyze the corpus in order to reveal the ideological influence on the linguistic position of Galician. The discursive categories for this discussion were: ideological formations (Pêcheux; Fuchs, 1997) and discursive formations (Foucault 2012). The results showed that there are plausible arguments for both sides of this ideological dispute.

Keywords

Discourse analysis. Ideological formations. Galician language.

REFERÊNCIAS

- ÁLVAREZ, R. *et al.* Entre o uso e a norma. O proxecto de Gramática da Real Academia Galega. In: ÁLVAREZ, R.; MONTEAGUDO, H. (ed.). *Norma lingüística e variación*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, Instituto da Lingua Galega, 2005. p. 61-68. Disponível em: https://www.academia.edu/96514949/Entre_o_uso_e_a_norma_o_proxecto_de_Gram%C3%A1tica_da_Real_Academia_Galega. Acesso em: 18 fev. 2024.
- ASSOCIAÇÃO GALEGA DA LÍNGUA. Binormativismo. Disponível em: <https://a.gal/binormativismo/>. Acesso em: 2 nov. 2022.
- BAGNO, M.; CARVALHO, O. L. de S. O potencial do português brasileiro como língua internacional. *Interdisciplinar – Revista de Estudos em Língua e Literatura*, São Cristóvão, v. 22, p. 11-16, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/3850>. Acesso em: 14 abr. 2024.
- FERNÁNDEZ, P. M. Autonomismo vs reintegracionismo. Um conflito normativo visto desde a análise crítica do discurso especializado. *Agália*, n. 91-92, p. 139-169, 2007. Disponível em: <https://agalía.net/Agalia/091-92.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2024.
- FERREIRO, X. Francisco Pérez, mariscador de Noia: “Non hai ningunha axuda da Xunta, só palabras bonitas”. *Nós Diálogo*, 16 xan. 2024. Disponível em: <https://www.nosdiario.gal/articulo/social/francisco-perez-presidente-da-agrupacion-mariscadores-pe-noia-non-hai-ningunha-axuda-da-xunta-so-palabras-bonitas/20240116092713187397.html>. Acesso em: 14 abr. 2024.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- FREIXEIRO MATO, X. R. *A estrela que nos guía*. O galego entre un pasado brillante e un incerto futuro. Santiago de Compostela: Fundación Moncho Reboiras, 2023.
- GIELOW, I. Embraer vende avião militar KC-390 para mais um país da Otan. *Folha de S.Paulo*, 17 out. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/10/embraer-vende-aviao-militar-kc-390-para-mais-um-pais-da-otan.shtml>. Acesso em: 14 abr. 2024.
- HENRY, P. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução: Bethania S. Mariani *et al.* 3. ed. Campinas: Editora Unicamp, 1997. p. 13-38.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux*. Tradução: Bethania S. Mariani *et al.* 3. ed. Campinas: Editora Unicamp, 1997. p. 163-252.

PÊCHEUX, M. *et al.* Apresentação da análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução: Bethania S. Mariani *et al.* 3. ed. Campinas: Editora Unicamp, 1997. p. 253-282.

REAL ACADEMIA GALEGA. Disponível em: <https://academia.gal/lingua/idioma>. Acesso em: 2 jan. 2023.

VENÂNCIO, F. *Así naceu unha lingua*. Sobre as orixes do portugués. Tradución: Elías González López. Vigo: Galáxia, 2021.